



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)
Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
ISBN 978-989-95500-1-8



O “arrastão” de Carcavelos ou “arrastão” mediático?

CLARA ALMEIDA SANTOS

Universidade de Coimbra ~ clara.santos@fl.uc.pt

Resumo:

10 de Junho de 2005: as televisões portuguesas abriram os seus noticiários de primetime com os relatos do episódio desde logo conhecido como o “arrastão de Carcavelos”. As notícias davam conta de como, na tarde desse dia, 500 jovens, provenientes de alguns bairros da Área Metropolitana de Lisboa, tinham assolado a praia de Carcavelos, provocando distúrbios e procedendo a furtos, sendo o episódio logo conotado com os fenómenos que ocorrem no Rio de Janeiro, quando as praias são “varridas” por jovens das favelas.

11 de Junho de 2005: as primeiras páginas da imprensa são praticamente preenchidas por fotografias que mostram a confusão na praia de Carcavelos, repetindo as informações avançadas no dia anterior pelas televisões e acrescentando mais alguns pormenores. Mas as ondas de choque do “arrastão” haviam de sentir-se ao longo do resto do ano na imprensa.

Em oito jornais analisados (*Público*, *Diário de Notícias*, *A Capital*, *Jornal de Notícias*, *Correio da Manhã*, *24 Horas*, *Expresso* e *O Independente*) encontraram-se 248 peças na sequência do “arrastão” em que o episódio havia de ser referido ou implicado, com consequências para a representação das chamadas segundas gerações de imigrantes em Portugal.

Palavras-chave:

Arrastão de Carcavelos, segundas gerações de imigrantes.

Na sequência do estudo “Media, Imigração e Minorias Étnicas” [já na terceira edição de uma série que tem vindo a ser feita no âmbito do Observatório da Imigração do antigo Alto Comissariado para a Imigração e as Minorias Étnicas (ACIME), agora Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI)], foram recolhidas em 2005 as peças de oito jornais (*Público*, *Diário de Notícias*, *A Capital*, *Jornal de Notícias*, *Correio da Manhã*, *24 Horas*, *Expresso* e *O Independente*) referentes a questões relacionadas de algum modo com a temática da imigração e das minorias étnicas. O *corpus* dessa análise consiste em 2548 peças, das quais 247 estão, directa ou indirectamente, relacionadas com o chamado “arrastão de Carcavelos”, o que significa uma presença de 7,0% no total de peças analisadas no período. A escolha das publicações teve sobretudo em conta características de periodicidade (diários e semanais), procurando uma diversidade de abordagens, e da própria identidade dos jornais, procurando um equilíbrio entre imprensa de referência e imprensa mais

popular¹. Para efeitos de análise, foram encontradas 25 variáveis, agrupadas em três dimensões essenciais: Forma, Conteúdo e Discurso². Ao projecto inicial (que analisou as peças de 2003) foram sendo feitas aferições e alterações até ao modelo actual³. Para estudar o caso específico do “arrastão”, foram acrescentadas às variáveis existentes mais duas, que procuram aferir se o episódio é referido directamente ou implicado em cada peça e se há referência à cor de pele dos protagonistas da notícia. A introdução desta última variável justifica-se com a tentativa encontrar um nexo de causalidade entre o acontecimento que ficou conhecido como “arrastão de Carcavelos” e um ressurgimento da referência de marcas fenotípicas, nomeadamente a cor da pele, na imprensa⁴, tema que será tratado mais adiante.

O presente trabalho pretende ser uma abordagem iminentemente quantitativa da presença e impacto do “arrastão de Carcavelos” na imprensa portuguesa em 2005. Trata-se de uma primeira análise, exploratória, inserida no programa mais vasto do projecto de doutoramento em curso onde, aí sim, se tem como objectivo dar uma perspectiva mais completa do “arrastão”, incluindo também análise do discurso e estudos de recepção e produção. Como tal serão apenas chamadas à colação as referências que se considerarem elucidativas de uma ou outra opções metodológicas.

A forma das peças

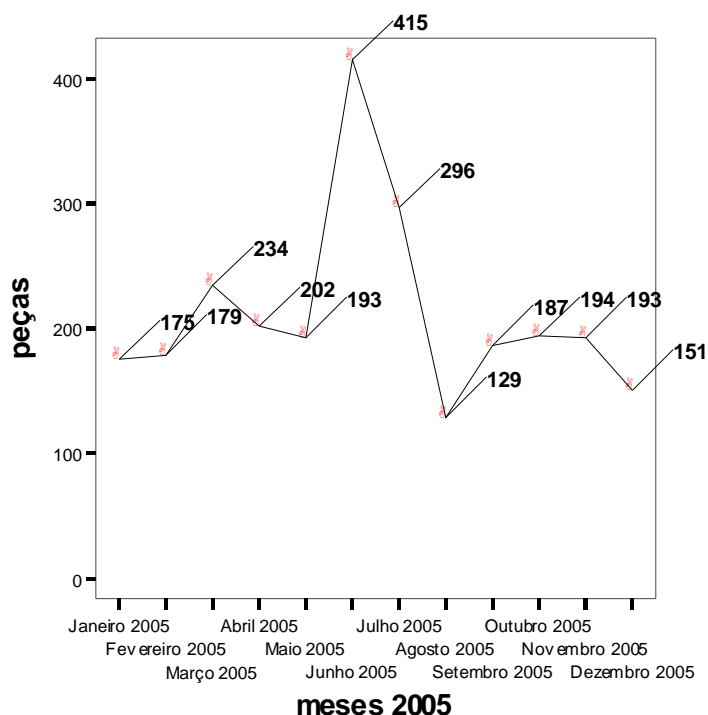


Gráfico 1 - Distribuição das peças ao longo de 2005

¹ Para mais informações sobre o projecto e critérios de selecção dos jornais, ver Cunha *et al*, 2004.

² *Idem*.

³ O modelo final é que o foi usado no projecto *Media, Imigração e Minorias Étnicas III*, cujos resultados serão publicados ainda em 2007, e que se refere à análise de peças dos anos 2005 e 2006 (imprensa e televisão).

⁴ A questão, naturalmente, coloca-se com menor pertinência em televisão, já que não é preciso que haja referências específicas uma vez que as características são expostas pela imagem.

Como podemos observar pelo Gráfico 1, Junho destaca-se claramente como o mês com mais peças sobre o tema da imigração e minorias étnicas. De todas as peças identificadas como tendo referências ao “arrastão”, 187 (ou seja, 75,7% das peças) são publicadas, naturalmente, em Junho, constituindo 45,1% das peças registadas nesse mês. Julho ainda sofre, de certa maneira, os efeitos colaterais mais fortes do “arrastão”, com 296 peças registadas, das quais 51 com referências directas ou indirectas ao episódio.

Importará referir ainda que tipo de peças são estas que surgem na sequência do “arrastão”. Desde logo, importa dar conta da distribuição das peças pelos meios analisados, distribuição essa patente no Quadro 1.

	arrastão		Total
	referido	implicado	
Público	26	22	48
	14,9%	30,1%	19,4%
DN	16	17	33
	9,2%	23,3%	13,4%
JN	29	11	40
	16,7%	15,1%	16,2%
Expresso	13	1	14
	7,5%	1,4%	5,7%
Independente	3	0	3
	1,7%	0,0%	1,2%
Correio da Manhã	56	15	71
	32,2%	20,5%	28,7%
Capital	26	1	27
	14,9%	1,4%	10,9%
24 Horas	5	6	11
	2,9%	8,2%	4,5%
total	174	73	247
	100,0%	100,0%	100,0%

Quadro 1 - Distribuição das peças com referências ao “arrastão” pelos jornais

O *Correio da Manhã* é o jornal que apresenta uma maior percentagem de peças com referências directas ao episódio (32,2%), embora seja o *Público* o jornal que mais peças ocupa com aquilo a que poderíamos chamar os “danos colaterais”, ou seja, peças em que o tema não é explicitamente “arrastão”, mas em que o episódio acaba por ser referido. Podemos, desde logo e a partir daqui, inferir que existem diferenças ao nível das formas de tratamento jornalístico conforme se trate de um jornal de referência ou de um jornal popular. Assim, talvez possamos concluir, embora uma fundamentação através da análise de conteúdo das notícias fosse necessária que a *problemática* tem mais espaço no *Público*, representando aqui a imprensa de referência, e que mais destaque é dado no *Correio da Manhã*, como representante da imprensa popular, ao *acontecimento* propriamente dito. Apenas como ilustração demonstrativa que como, a quente, as reacções dos dois jornais não são assim tão distantes, embora as diferenças se notem no médio prazo, atente-se nas duas manchetes feitas pelos jornais no dia 11 de Junho de 2005:

Correio da Manhã: TERROR NA PRAIA

Dois tiros para o ar deram o sinal de partida para centenas de jovens se ambos os sexos assaltarem e semearem pânico em Carcavelos

Público: BANDOS DE JOVENS CRIAM O PÂNICO DA PRAIA DE CARCAVELOS
ARRASTÃO VARREU O AREAL E ENVOLVEU CENTENAS DE ASSALTANTES

“Arrastão” põe em pânico praia de Carcavelos

Grupo de 500 jovens

A construção do discurso e marcas estilísticas merecerem também uma análise própria, que, como já foi referido, se deixa para outro tempo e outro espaço, na noção clara de que o tema não se esgota com esta análise.

Prosseguindo com a análise da forma das notícias, podemos observar no Quadro 2 o volume ocupado pelas peças. A primeira constatação é que esta distribuição simultaneamente obedece e destoa do padrão do ano⁵: o volume de peças a ocupar 1/8 de página corresponde a 25% do total de peças (o que é consentâneo com a média anual), mas observa-se uma proximidade acentuada dos valores das peças ocupando ¼ ou ½ página (respectivamente correspondentes a 20,7% e 21,1% da amostra).

	arrastão		Total
	referido	implicado	
1 ou 2 parágrafos	21	12	33
1/8 de página	49	14	63
¼ de página	38	13	51
½ página	32	20	52
¾ de página	23	9	32
1 página	5	2	7
1 página e 1/2	2	1	3
2 páginas	2	0	2
mais de 2 páginas	2	2	4
Total	174	73	247

Quadro 2 - volume das peças em que o “arrastão” é referido

Relativamente aos géneros jornalísticos mais presentes, verificamos (Quadro 3) que a *notícia* é soberana, destacando-se claramente o tratamento, neste aspecto, relativamente ao total de 2005, em que as *breves* perfazem 23,7% da amostra (no caso do “arrastão”, as *breves* cingem-se a 4,0% do universo). De destacar ainda o considerável volume de peças obtido pela variável *opinião*. Se somarmos todos os géneros da área argumentativa e não tanto factual (*opinião*, *comentário* e *editorial*), obtemos 45 peças, correspondendo a 18,2% do total⁶. Deste valor podemos concluir que o “arrastão” despertou uma produção de textos não factuais acima da média, o que será explicável por duas ordens de razões: a primeira relaciona-se com a própria matéria em causa e todos os fantasmas relativos a insegurança (ainda mais quando os protagonistas do alegado “arrastão” identificados com alguns dos bairros problemáticos da Área Metropolitana de Lisboa⁷); a segunda relaciona-se com os

⁵ Em 2005, 33% das peças analisadas (correspondendo à maior fatia) ocupam 1 ou 2 parágrafos. Seguem-se as peças com 1/8 de página (25,7%), e só depois as peças com ½ e ¼ de página (respectivamente com cerca de 17% e 13%).

⁶ Em 2005, o volume obtido para este somatório é de 4,6%.

⁷ Por exemplo, só para referir alguns que mereceram menção na imprensa, 6 de Maio, Cova da Moura, Chelas, ...

desmentidos que se seguiram ao evento, ainda que com *décalage* de uma semana, provenientes do Comando da PSP, onde se afirma que os jovens “não excederam os 50”, e que muitos dos que apareceram em imagens televisivas e em fotografias de imprensa “não eram assaltantes, mas tão só jovens que fugiam com os seus próprios haveres” (s/a, 2005: 41).

tipo	arrastão		Total
	referido	implicado	
entrevista	5	5	10
reportagem	10	12	22
notícia	67	25	92
breve	6	4	10
opinião	24	6	30
editorial	2	1	3
comentário	9	3	12
catcha	9	1	10
caixa	38	11	49
chamada	4	5	9
Total	174	73	247

Quadro 3 - tipo de peças

Ao analisar as secções em que surgem as peças sobre o “arrastão” (Quadro 4), damos conta de uma tendência semelhante àquela verificada em 2005, em que a *sociedade* tem amplo destaque. O episódio chega à primeira página em 7,7% do total de peças (o dobro da média nacional de peças que têm semelhante destaque). De realçar ainda que o “arrastão” tem expressão em praticamente todas as áreas, desde a *política* à *cultura*, com direito a 16 *destaques*.

proeminência	arrastão		Total
	referido	implicado	
1ª página	13	6	19
sociedade	81	39	120
cultura	5	3	8
política	7	3	10
destaque	15	1	16
nacional	40	13	53
local	2	2	4
última página	6	1	7
suplemento	1	2	3
revista	4	3	7
Total	174	73	247

Quadro 4 - proeminência das peças

Terminando a análise das variáveis mais formais, falta só referir a presença de fotografias em 51% das peças, um pouco abaixo dos 59% da média para o ano 2005.

Os conteúdos das peças

Passando às variáveis temáticas, porventura de onde se poderão tirar mais ilações, uma das marcas importantes deixadas no ano de 2005 na imprensa é a referência à cor da pele, que apresenta não só algumas especificidades em língua portuguesa, como também ao nível da própria discussão em torno das minorias étnicas, do racismo e das questões do discurso. Refira-se, apenas a título de exemplo, que segundo vários autores, as expressões de racismo nas sociedades contemporâneas ocidentais não correspondem ao “politicamente correcto”, o que não significa que não existam, mesmo nos media, podendo ser agrupados sob a designação de racismo subtil, que poderia ser descrito como “um racismo que afirma que não é racismo” (Martiniello, 1999: 45); nesta perspectiva, a referência à cor da pele para identificar alegados autores de crimes poderia corresponder a uma contracorrente, a uma excepção eventualmente justificável pelo carácter excepcional dos próprios acontecimentos. No entanto, este racismo subtil camufla-se, por vezes, naquilo a que Barker (1981) designa como “racismo cultural”, uma forma particular de racismo que se baseia no sentimento de ameaça à suposta homogeneidade cultural do grupo dominante. O “outro” passa a ser conotado com uma expressão particular da natureza humana “nem superior, nem inferior: diferente” (Wieviorka, 2002: 37). João Carlos Correia acrescenta que o tratamento dado pelos media ao “arrastão” “evidenciou a existência de tiques antropocêntricos e até de xenofobia subliminares ou manifestos que se tornam, eles próprios, uma parte do problema” (Correia, 2005: 40).

Ao longo de 2005, encontraram-se 93 peças com referência directa à cor da pele dos intervenientes nas notícias. Dessas, 45 surgem em Junho, ou seja, praticamente 50% das referências a esta marca fenotípica coincide com o mês em que ocorre o “arrastão”. E no segundo semestre de 2005 perfazem 73 referências, ou seja, 78,5% do número total de referências no período, distribuídas conforme o Quadro 5.

mês	referência a cor da pele
Janeiro 2005	1
	1,1%
Fevereiro 2005	4
	4,3%
Março 2005	9
	9,7%
Abril 2005	3
	3,2%
Maio 2005	3
	3,2%
Junho 2005	45
	48,4%
Julho 2005	11
	11,8%
Setembro 2005	1
	1,1%
Outubro 2005	6
	6,5%
Novembro 2005	7
	7,5%

Dezembro 2005	3
	3,2%
Total	93
	100,0%

Quadro 5: Distribuição mensal das referências à cor da pele

Se cruzarmos as menções da cor da pele com os temas tratados nas peças, observamos que a grande fatia cabe às peças em que pelo menos um⁸ dos temas identificados é a *discriminação*, presente em 39,8% das peças.

tema	ocorrências	percentagem de peças com o tema
acidentes/incidentes	27	29
agenda	12	12,9
condições sociais	7	7,5
crime	23	24,7
educação	1	1,1
habitação	5	5,4
violência	8	8,6
cultura	1	1,1
naturalização	1	1,1
discriminação	37	39,8
segurança	13	14
integração/direitos	14	15,1
estudos sobre imigração	3	3,2
outros	6	6,5

Quadro 7 - temas identificados quando é referida a cor da pele

Este é um dado que importa salientar, uma vez que representa um desvio significativo em relação à média anual verificada para esta modalidade temática (que surge em 8,1% das peças). Poder-se-á tentar explicar este valor, por um lado, atendendo ao facto de que o “arrastão” foi âncora para algumas manifestações da extrema-direita em Portugal que captaram a atenção dos media (não é dispicienda para esta conclusão a percentagem de peças em que surge também o tema *agenda*⁹). Por outro lado, parece surgir no âmbito da própria imprensa a noção de que existe na sociedade portuguesa uma questão emergente e que diz respeito aos processos de construção de identidades. A existência de “segundas gerações” de imigrantes¹⁰ parece, parcialmente através do “arrastão”, eclodir. E num momento estratégico, dado que a Lei da Nacionalidade, que entrou em vigor a 15 de Dezembro de 2006, começava a ser discutida, um dos pontos fortes sendo precisamente a atribuição da nacionalidade portuguesa a filhos de estrangeiros a residir em Portugal, consignada logo no artigo 1.º, alínea e): “Os indivíduos nascidos no território português, filhos de estrangeiros que não se encontrem ao serviço do respectivo Estado, se declararem que querem ser portugueses e desde que, no momento do nascimento, um dos progenitores aqui resida legalmente há pelo menos cinco anos”.

O Quadro 8 mostra como a presença de referências a “segundas gerações” é também significativa nas peças que constituem o *corpus* sobre o “arrastão”: 9,7% das peças sobre o tema

⁸ O tratamento dos dados no decurso da análise das peças permite que mais do que um tema seja identificado para cada peça. Assim, se somarmos as percentagens de peças com determinado tema, vamos obter um valor superior a 100%. No entanto, o valor obtido por cada uma das modalidades temáticas dá conta da percentagem de peças com o tema e não o peso do tema no total de temas identificados.

⁹ Há que ter em conta que para cada peça podem ser codificados dois temas, o que significa que *discriminação* e *agenda* se podem sobrepor.

¹⁰ Nomenclatura que manifesta em si mesma uma visão distorcida da realidade, já que as “segundas gerações” (termo que muitas vezes abarca também “terceiras” e “quartas” continua a manter a marca da imigração, quando muitos os elementos que pertencem a esse “grupo” nasceram em Portugal.

referem este grupo, o que representa um aumento de mais de 100% em relação ao total de peças que no ano de 2005 referiram as "segundas gerações".

		arrastão		Total
		referido	implicado	referido
minorias	africanos	10	3	13
	brasileiros	1	0	1
	guineenses	1	0	1
	várias	13	7	20
	2 ^{as} gerações	18	6	24
	imigrantes/estrangeiros	11	27	38
	outra	0	1	1
Total		54	44	98

Quadro 8 - referência a "minorias/etnias/nacionalidades"

Uma análise do discurso obrigaria ainda a observar quais as expressões utilizadas para referir este grupo, como "filhos de pais africanos" ou "jovens de origem africana". Naturalmente que a cor da pele é também reforço desta construção identitária. Na verdade, e avançando alguns dados relativos a inquéritos de recepção preliminares realizados junto de alunos do ensino superior, quando questionados sobre se se recordavam de alguma especificidade relativamente aos protagonistas do evento de 10 de Junho de 2005, 64,3% dos inquiridos referiram a cor da pele, através de expressões como "raça negra", "cor negra" ou "etnia negra". Apenas dois inquiridos referiram os bairros de onde seriam provenientes os grupos e um o facto de serem jovens. De notar ainda que os inquiridos revelaram ter obtido informação sobre o episódio sobretudo através da televisão, onde as imagens não necessitam de explicações adicionais, praticamente tornando invisível a questão das "segundas gerações".

Relativamente às referências geográficas, e como seria de esperar, a grande Lisboa abarca a maior fatia de peças (71,7%). A este valor temos de juntar as referências específicas à Amadora, o que conduz a um resultado de 77,3% das peças.

		arrastão		Total
		referido	implicado	
geografia	grande Porto	0	1	1
	grande Lisboa	137	40	177
	Centro	1	1	2
	Norte	0	1	1
	Algarve	4	0	4
	Amadora	6	8	14
	Portugal	22	21	43
	outro país	2	0	2
	Total		172	72

Quadro 9 - localização geográfica referida nas peças



No entanto, deve ter-se em conta o facto de em 17,4% das peças, haver uma implicação nacional nas peças e de haver um ou outro caso de "descentralização", nomeadamente no Algarve, onde, recorde-se, se registou também um "prenúncio" de um segundo "arrastão", tendo alegadamente os organizadores e protagonistas do de Carcavelos rumado a Sul, tendo os media

registado um momento de “pânico moral”¹¹, dominados por alguma fúria securitária, que vamos poder observar estar presente nas peças ao nível da *argumentação* utilizada, quando forem apresentados os resultados desta variável.

A presença de protagonistas (nãocontabilizando os alegados autores dos desacatos) é dominada pelas forças policiais, que marcam presença de 50,1% das peças. Também muito significativa é a percentagem de actores oficiais, agrupados como exposto no Quadro 10. Na verdade, faz sentido incluir nos actores oficiais também as forças policiais, presentes assim um total de 86,5% das peças.

actores	percentagem de peças
estado	9,7
governo	17,4
PP	0,8
PCP	0,8
BE	2,4
partidos	7,7
PSP	28,7
GNR	2
forças policiais	19,4
igrejas	0,8
UE	0,4
ACIME	5,3
associações de imigrantes	0,8
embaixadas	1,2
skinheads	18,2
SOS Racismo	1,2
autarquias	2,8
tribunais	1,2
ONG	2,8
empresários	3,2
especialistas	9,7
populares	21,9
políticos internacionais	0,4
outros	8,5

Legenda e somatório de percentagens:

-  36,4%: actores oficiais
-  50,1%: actores policiais

Quadro 10 - actores presentes nas peças

De referir ainda a presença de actores denominados como *skinheads*, designação que inclui também representantes dos movimentos de extrema-direita em Portugal, por motivos de ausência de modalidade onde se pudessem incluir. Naturalmente que este valor está associado com o valor da modalidade temática *discriminação*, já referida anteriormente. Os *populares* também surgem de forma preponderante, já que assinalam uma presença muito mais significativa do que no resto do ano (21,9% nas peças sobre o “arrastão”, 5,2% em média no resto do ano). Como veremos na análise das variáveis do **Discurso**, a significância dos populares atinge valores ainda mais expressivos

¹¹ O conceito de “pânico moral” foi utilizado pela primeira vez pelo sociólogo Stanley Cohen na obra *Folk Devils and Moral Panics* (1972) para se referir à reacção social e dos *media* no Reino Unido nos anos 60 a grupos de jovens. Identificados como autores de desacatos (gangs). Segundo o autor, os *media* amplificariam determinada situação ou fenómeno protagonizado por movimentos considerados como desviantes da norma-padrão.

O discurso nas peças

Importa, em primeiro lugar, referir que existem 69,2% de peças com citações explícitas, ou seja, em que o jornalista recorre à utilização do discurso directo para dar conta de afirmações de diferentes entidades. Assim, observamos o peso muito menor das fontes oficiais, nomeadamente do somatório *estado, governo, ACIME* (em 10,9% das peças, não havendo citações de *autarquias* nem de *tribunais*), e nas forças policiais, ainda assim são citadas em 23,1% das peças (Quadro11). Existe porventura uma explicação para este facto, enunciada por José Rebelo, segundo quem "é prática corrente das instituições políticas, sobretudo quando no poder ou na órbita do poder" reduzirem ou tentarem reduzir "o seu papel ao de simples fonte" o que permite "ocultar o enunciador de origem, transferindo para o domínio do jornal ou, mesmo, da opinião pública, a responsabilidade da asserção" (Rebelo, 2000: 68). Existe claramente um discurso securitário muito presente e aventa-se a hipótese de se tratar de uma consequência do discurso oficial, ainda que não seja directamente transmitida pelas fontes, mas desta forma mais ou menos sub-reptícia de que nos fala José Rebelo.

Os *populares*, ainda que tenham obtido uma presença expressiva como actores, o que se pode facilmente explicar pela menção ao facto de estarem, por exemplo, na praia na altura dos acontecimentos e poderem servir quase como figurantes das peças, vêem-se menos representados ao nível das citações. Ainda assim com marcas em 13% das peças, estão muito acima da média de 5,1% obtida em 2005. Funcionam muito como fonte de testemunho dos acontecimentos, sobretudo como observadores, já que nunca é entrevistada uma pessoa que tenha sido vítima dos desacetos.

Atente-se ainda que a variedade de vozes encontrada apresenta mais variedade do que os actores listados.

vozes	percentagem de peças
estado	0,8
governo	6,1
PP	1,6
PSD	0,4
PCP	1,2
BE	2,4
partidos	3,2
igrejas	1,6
forças policiais	4,9
ACIME	4
PSP	17,8
GNR	0,4
embaixadas	0,8
associações de imigrantes	0,8
skinheads	7,7
SOS Racismo	1,2
autarquias	3,6
ONG	2,4
africanos	0,4
angolanos	0,4
árabes	0,8
brasileiros	0,4

cabo verdianos	0,4
indianos	0,4
paquistaneses	0,4
PALOP	0,4
empresários	3,2
especialistas	6,9
populares	13
2 ^{as} gerações	0,8
outros	6,5

Quadro 11 - vozes presentes nas peças

Das restantes variáveis de **Discurso** analisadas, importa assinalar apenas os resultados obtidos ao nível da *argumentação*¹². Apesar de a maior percentagem de peças se situar naquele que se considera ser o tipo de argumentação *assertiva*, mais factual, convém salientar que, como se pode observar no Gráfico 2, 18% das peças foram identificadas com a argumentação *securitária*. Este valor supera largamente os 6,4% obtidos como média em 2005.

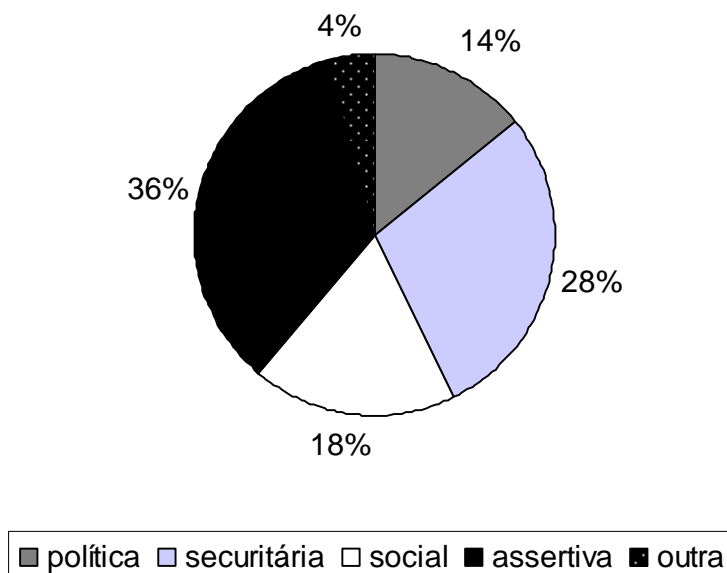


Gráfico 2 - tipos de argumentação presentes nas peças

De salientar ainda que das 163 peças identificadas em 2005 com argumentação *securitária*, 70, ou seja 42,9% correspondem a peças inseridas no *corpus* de análise específico sobre o “arrastão de Carcavelos”. Cruzando estes resultados com os obtidos na variável que dá conta dos géneros jornalísticos existentes, observamos que não é nos géneros mais subjectivos (*opinião*, *editorial* e *comentário*) que se registam os valores mais elevados da modalidade *securitária*. Na verdade, a soma das peças com argumentação *securitária* presentes neste segmento corresponde a apenas a 8,7% das peças com este tipo de argumentação, enquanto os géneros *notícia* e *caixa*¹³ somam 70% do total.

¹² Deixando, por agora, de fora as variáveis *tom* e *narrativa*, que serão futuramente objecto de análise.

¹³ A *caixa* corresponde aos blocos de texto, muitas vezes organizados numa espécie de “janelas”, que complementam o texto (ou textos) principais.

Algumas conclusões

O “arrastão de Carcavelos” originou um filão de temáticas e peças na imprensa portuguesa em 2005 que deixa uma marca muito forte no total de cobertura dada ao tema da identidade das “segundas gerações” de imigrantes em Portugal. O episódio (e respectivas repercussões) é, entre outros fenómenos, notavelmente responsável por um aumento forte da presença da referência a características fenotípicas como a cor da pele nos jornais. Mas é também por causa do “arrastão” de Carcavelos que aumenta um discurso de tipo *securitário* na imprensa, que tinha vindo a registar uma tendência decrescente nos últimos anos. Verifica-se ainda um crescimento significativo do tema da *discriminação*, que se deve não só à existência acontecimentos que surgem na esteira do “arrastão” mas talvez também a uma constatação por parte dos jornalistas e editores (que pode, ou não, ser consciente) de que existem tensões latentes na sociedade portuguesa que podem, havendo para isso um pretexto, saltar para fora motivando verdadeiras ondas de pânico moral.

Está inscrito na lógica do jornalismo que os acontecimentos podem, verificadas algumas condições, tornar-se notícia. Não há dúvida que o “arrastão de Carcavelos” se inscreve nessa lógica, activando funções dos media como as que prevêem que estes apontem rupturas na normalidade ou dêem informações que sirvam como alerta para uma eventual ameaça à estrutura social, cumprindo ainda os critérios de *news judgement*, tais como os valores-notícia. Mas o momento mediático que surgiu devido ao episódio activou também algumas disfunções dos media, nomeadamente espoletando reacções de pânico. Mais, o tratamento mediático dado ao “arrastão” expôs algumas práticas jornalísticas – ou editoriais – condenáveis, quer imediatamente após o sucedido (o que, ainda assim, pode ser atenuado por alguns factores já aduzidos pelos próprios profissionais para justificarem algumas culpas, nomeadamente ao nível dos constrangimentos profissionais existentes numa redacção ao final da tarde de um feriado no início das férias), quer no momento em que surgiram os desmentidos ao sucedido: como muitas vezes acontece, o desmentido não teve um destaque equivalente, nem em termos de espaço nem em termos de proeminência.

Concluiremos regressando à muito citada teoria do *gatekeeper* (citada e até já mesmo estafada, uma vez que são vários os autores a afirmar que as práticas do “novo jornalismo” que tem a internet como são responsáveis pelo declínio jornalista como *gatekeeper*) de David Manning White, segundo a qual “o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde um fluxo de notícias tem de passar por diversos «portões» que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não” (Traquina, 1993: 134). No caso do “arrastão de Carcavelos”, poder-se-á dizer que os portões estiveram escancarados, sem que houvesse um questionamento responsável dos dados em apreço ou das práticas discursivas escolhidas. Desde logo na própria escolha da designação “arrastão”, utilizada por uma das fontes escutadas e que logo se tornou nomenclatura quase oficial do episódio.

Bibliografia

- Barker, Martin (1981). *The New Racism*, Junction Books: London.
- Cohen, Stanley (1980). *Folk devils and moral panics*, New York: St. Martins Press.
- Correia, João Carlos (2005) ‘Jornalismo e Realidades Múltiplas: o “arrastão” e as representações mediáticas das realidades’, *Estudos em Jornalismo e mídia*, 2: 39-50.
- Cunha, Isabel Ferin et al (2004). *Media, Imigração e Minorias Étnicas*, Lisboa: ACIME, Observatório da Imigração.
- Cunha, Isabel Ferin (2002). *Comunicação e culturas do quotidiano*, Lisboa: Quimera.

- Martiniello, Marco (ed.), (1999). *Migration, Citizenship and Ethno-Nacional Identities in the European Union*, Ashgate: Aldershot.
- Moscovici, S., (1988) 'Notes towards a description of social representations', *European Journal of Social Psychology*, 18: 211-250.
- Rebelo, José (2000). *O discurso do jornal*, Lisboa: Editorial Notícias.
- S/A, (2006). *O "pseudo-arrastão" de Carcavelos: documentos*, Lisboa: ACIME.
- Schütz, A., Luckmann, T. (1973). *The structures of the life-world*, Evanston: Northwestern University Press.
- Traquina, Nelson (2002). *O Jornalismo*. Lisboa: Quimera.
- Traquina, Nelson (1993). *Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'*, Lisboa: Vega Editora.
- Vala, J. (coord.) (1999). *Novos Racismos: Perspectivas comparativas*, Oeiras: Celta.
- Wieviorka, Michel (2002). *O Racismo. Uma Introdução*, Lisboa: Fenda Edições.